

MUNDARÉU

MUNDARÉU - PODCAST DE ANTROPOLOGIA
LABJOR/Unicamp

Sexta temporada

Episódio #31: Territorialidade e a resistência de mulheres quilombolas no Vale do Jequitinhonha (MG)

Transcrição do episódio: Igor Pereira

Revisão da transcrição: Daniela Manica e Igor Pereira

Roteiro: Daniela Manica e Flora Gonçalves

Legenda

BLOCO

TRILHA SONORA

Vinheta de abertura: “Já foi”, de Janine Mathias.

Samba com violão de sete cordas, cavaco e guitarra, surdo, triângulo e ganzá. Tocada leve e envolvente se introduz pela melodia instrumental. A voz feminina canta:

Pra que esperar se eu sou movimento?

Pra que questionar inventaram o tempo

É hora, agora, já foi

É hora, agora, já foi

ABERTURA

Clarissa: Apesar da promoção de algumas políticas de demarcação e regularização territorial nos últimos anos, que foram incipientes e insuficientes, a grande maioria dos territórios quilombolas no Brasil sofre com as questões de reconhecimento e de legitimidade. Quando finalmente legitimados pelo Estado brasileiro, ainda lidam com o abandono do poder público, que falha ao não oferecer

infraestrutura mínima, como acesso a água, saúde e educação. Assim como em vários outros territórios minoritários, os territórios quilombolas do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais (Brasil), estão localizados em espaços pouco acessíveis, justamente por terem sido constituídos como refúgios durante a colonização escravocrata do Brasil.

Irene: Embora os quilombos rurais tenham sido traduzidos a partir do imaginário da fuga, a partir da década de 1970 e com a redemocratização do país, houve um intenso debate para compreender os quilombos não apenas como uma categoria produzida no encontro colonial, mas também como um lugar de liberdade e resistência. As comunidades remanescentes quilombolas ocupam hoje uma posição central na construção de um bem viver culturalmente adequado, principalmente por causa de mulheres quilombolas, que são as protagonistas desses territórios.

Clarissa: Esse episódio vai ser um pouco diferente. Além de um episódio, ele vai se tornar também capítulo de um livro sendo produzido por muitas pesquisadoras e ativistas do Sul Global, e coordenado por Mina Kleiche-Dray y Gloria Baigorrotegui. Então, a forma como escrevemos afetou a nossa forma de falar, e vice-versa. A gente vai contar hoje para vocês uma parte da conversa gravada para o podcast Mundaréu, nosso canal de divulgação científica de Antropologia Latino-Americana que tem se dedicado a amplificar as pesquisas que se conectam com pautas ativistas feministas.

Irene: Esse episódio é composto por muitos corpos e vozes. Você vai escutar a gravação que Clarissa e eu, Irene, fizemos, em setembro de 2024, no Quilombo Córrego do Rocha, localizado no Vale do Jequitinhonha. Conversamos com muitas mulheres das comunidades locais, a quem agradecemos muito. Vocês vão escutar (e quem sabe, ler) parte da nossa conversa naquele dia.

Clarissa: Mas vocês vão escutar principalmente o que conversamos com Cida Silva, liderança comunitária super importante...

Cida: Olá! Eu sou Maria Aparecida. Quilombola, do Quilombo Córrego do Rocha, no município de Chapada do Norte, Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. Estou como líder na comunidade, até então, né? Não estou residindo no momento no Quilombo, pelo fato de eu estar na direção da FETAEMG. A FETAEMG é a Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Minas Gerais, então tem a sigla FETAEMG. Fui eleita, em meados do ano de 2023 eu ainda estava na presidência do sindicato

dos trabalhadores rurais de Chapada do Norte, que finalizou a gestão em outubro e, até dezembro, eu continuei residindo em Chapada do Norte.

Irene: E com a antropóloga Flora Gonçalves...

Flora: Bom, eu me chamo Flora, sou antropóloga e sou pesquisadora da Fiocruz, onde eu faço meu pós-doutoramento há alguns anos. E a gente trabalha, eu e Cida, desde 2021? 2020?

Cida: 2020. Não, de 2020 para 2021. Mas iniciou antes de julho de 2021, quando vocês vieram pela primeira vez através de uma grande falta de água que estava acontecendo no Quilombo, e a Agda, que era de um outro projeto, acabou prestando serviço para a Fiocruz e passou para vocês, da Fiocruz, a situação onde conseguiram um pequeno recurso para nós, nós, famílias da comunidade, na época eram 12 famílias passando sede...

Irene: A gente vai contar a história do encontro das duas, Cida e Flora, e como uma antropóloga entra com uma equipe interdisciplinar em um território quilombola através da Fiocruz, a Fundação Oswaldo Cruz. Mas primeiro vamos deixar a **Cida apresentar pra gente esse lugar, e essas pessoas.**

[Trilha sonora]

Samba com violão de sete cordas, cavaco e guitarra, surdo, triângulo e ganzá. Tocada leve e envolvente se introduz pela melodia instrumental.

É hora, agora, já foi

Eu quero cantar pra saudar o vento

Que é como o amar de cada momento

A paixão e a paz e eu já não me aguento

É querer demais que eu tenho aqui dentro

BLOCO 1 - O QUE É UM QUILOMBO E AS COMUNIDADES DO VALE DO JEQUITINHONHA

Clarissa: Você pode contar para a gente o que é um Quilombo?

Cida: Um Quilombo é, os nossos ancestrais eram escravizados, com certeza. Nós, não, graças à escravidão deles. Então, o Quilombo surge quando um grupo de pessoas se formam, é claro, inclusive com líderes, e fogem, se refugiam, saem de uma situação difícil. E Chapada do Norte, que é o nosso município, é um grande Quilombo, né? Como que surgiu o município? Eles vão ter a certeza que não existe apenas o Quilombo do Córrego do Rocha, o Quilombo da Misericórdia, o Quilombo da Água Suja, até os nomes dos Quilombos é a parte de como surgiu, a parte da história. O nome se dá através de um marco histórico na nossa comunidade. Então, o Quilombo é quando um grupo, né, através dos senhores que escravizava um grupo de pessoas, né, sempre era os negros, em que aquele grupo conseguia fugir daquela situação, daqueles senhores. E sempre, vocês podem ver, que ao chegar a um Quilombo, ele tem uma característica específica: é sempre de difícil acesso. Então esse sofrimento faz parte da nossa história, porque os nossos ancestrais tinham que encontrar os locais que tivesse água, que tivesse como produzir, como viver, sobreviver sem ter que ser encontrado. Então, onde eles moraram, as famílias né, foram crescendo. Enquanto os nossos bisavós foram escravizados, nós temos a honra de estar em um Quilombo, que é um espaço em que eles conseguiram que aquela família ficasse e conseguisse viver. E é onde a gente vive. São as nossas raízes, onde nos deixaram. E por isso que os nossos territórios precisam, além de serem certificado, titulado, para que não chegue as pessoas de fora, empresas mineradoras, igual já tem na nossa região, e nos expulsem, porque se a gente não tiver essa titulação, não tiver essa consciência, não for um grupo grande... Por exemplo, se a empresa chegar e tiver aqui meia dúzia de famílias, que, principalmente, na maioria das vezes, são famílias de idosos, são famílias de deficientes, são famílias jovens, que às vezes não tem condições e nem força de resistir aqui, que podem serem até matado, para que as terras seja dominadas... Porque nos territórios a gente tem os nossos saberes, o nosso jeito de viver e também tem as nossas riquezas, né?

Cida: A minha mãe e meu pai, eu vou falar mais recente, não precisavam comprar vassoura. As nossas casas não eram de tijolos comprados, a gente mesmo fazia o adobe. Nós produzia de quase tudo, que eram pouquíssimas as coisas que eram buscadas no supermercado. Nós somos famílias agricultoras. A gente produz cidadania, produz vivência. Se hoje a gente não tá conseguindo, é porque falta água, é porque as nossas terras, por falta de técnicos, elas foram mal utilizadas por falta de conhecimento, de experiência, por necessidade, porque as nossas famílias cresceram, mas os nossos territórios não.

Então, nessa falta de política pública, as nossas terras estão... elas estão agricultáveis. Não é porque elas não estão, tanto que nós não precisamos de adubos, nós não precisamos buscar adubos fora para produzirmos. A gente consegue produzir muito bem, se tivesse água suficiente para produção. Se vocês conseguissem, que eu sei que é um pouquinho difícil, mas por esse telefone eu consigo articular um pouco de verduras saudáveis para vocês, no mínimo ver no nosso Quilombo, mesmo sem água, ainda tem. Temos o poço artesiano, temos água, mas ainda temos o gargalo de falta de água. Por que eu digo isso? Os canos deve que quebra, vocês viram o buraco na estrada para nós passar? Aquilo ali não é chuva, aquilo ali é água potável.

Flora: O cano da água ali está quebrado, então a água para ali.

Cida: Então quebra água, vaza. O rapaz que é referência, as famílias que gratifica ele para fazer essa distribuição de água, ele não vai tirar do bolso dele para poder emendar essa canalização, e as famílias é quem ficam penalizadas. Então é falta de gestão. Essa evasão das famílias da comunidade, esse fechamento de escola, é falta da gente aguentar, resistir na comunidade, porque a gente luta e perde a saúde. E sem a saúde não dá para permanecer. Se permanece, permanece de uma maneira...

Flora: ... doente, né?

Cida: É, doente. Eu não acho...Lembrei a palavra! Indigno. De uma maneira indigna.

Clarissa: Outra coisa que eu quero te perguntar também, que é uma pergunta básica para as pessoas entenderem, conta para a gente, como é a mulher quilombola? Como que é essa mulher?

Cida: A mulher quilombola, ela é, ao mesmo tempo, uma mulher diferenciada, mas ao mesmo tempo, eu posso dizer que é uma mulher comum. É uma mulher que sente dor, que tem direitos, que tem muita força, que tem um saber muito rico, grande, mas ao mesmo tempo somos desprezadas. A senhora consegue perceber isso? [Silêncio] Tipo assim, só da gente ter o cabelo diferente, só da gente ter a cor da pele diferente que, para mim, Cida, é uma riqueza, para muitos, é uma inferioridade. Só de ser de um Quilombo a gente é discriminado.

Flora: Você acha que o racismo, ele piora ao as pessoas saberem que você é quilombola, ou você

acha que é só pela cor? Por exemplo, uma mulher negra, ela tem o mesmo tipo de preconceito com a mulher negra quilombola? Ela recebe esse mesmo tipo de preconceito que uma mulher quilombola? Ou você acha que a mulher quilombola, ela está mais sujeita a preconceito do que uma mulher negra?

Cida: Eu creio que está mais ainda. Porque a mulher negra, digamos assim, de um modo comum, tem os gargalos, tem o racismo, mas sendo de um Quilombo, o jeito diferente de ser, de vestir, de se posicionar, porque é diferente. Quando eu digo que ao mesmo tempo que é diferente, é comum, é nesse sentido. Então nós temos uma característica que a gente não criou, nós herdamos, não criamos, então isso acaba meio que, né? não é fragilizando, não, é piorando na visão mundial social. Só que nós, ao mesmo tempo, temos força suficiente, a partir do empoderamento, que isso não é motivo para nos diminuir. Mas eu posso dar um exemplo que aconteceu comigo há menos de 8 dias e que o apoio veio para mim através de amigas de lá do estado do Rio de Janeiro, de uma outra mulher. Quando eu cheguei naquele banco, eu percebi um modo diferenciado de me recepcionar, por eu ser negra e por eu não ser conhecida naquele município. Que eu tenho certeza que em Chapada do Norte isso não aconteceria, porque eu sou conhecida, eu sou uma referência no município, querendo ou não. Aí na hora que eu entrei no banco, eu percebi que os seguranças daquele banco estavam relaxados, tranquilos. Eu desci do carro, de um lado da rua, e meio que direcionei ao banco. Aí quando eu empurrei a porta e entrei, eu presenciei os guardas, eu tinha até esquecido que isso tinha acontecido anteriormente, e naquele momento do ato tudo veio à tona, eu esqueci a senha do banco. E eu fui lá para fazer uma migração de um valor. E, naquele momento, eu fiquei toda desconcertada e é a hora que a gente erra, ao invés de agir positivamente, a gente erra negativamente. Que eu peguei a minha bolsa, me posicionei lá na banca, que não tem lugar para sentar do lado de fora, onde é os caixas eletrônicos, eu coloquei a bolsa. Como eu estava muito tensa, eu tinha colocado uma mochila dentro da outra para eu não esquecer documento para trás e aí eu tirei uma bolsa de dentro da outra, tirei o que eu precisava, voltei a bolsa para dentro da outra. Eu cumprimentei, tipo, eu tenho educação de chegar em qualquer espaço: “bom dia” ou “boa tarde”, mesmo não conhecendo as pessoas. Ele, um dos guardas, não responderam e eles estavam do lado de dentro do estabelecimento bancário, os dois seguranças, dialogando, e tinha uma, que eu acho que era cliente, dialogando com eles. Quando eu entrei, ele simplesmente consertou, se posicionou, saiu do lado de fora, ficou um do lado de dentro e outro do lado de fora. Isso, gente, não precisa abrir a boca para falar nada que a gente já sabe o que que significa. Eu chorei tanto, mas eu chorei tanto.

Eu senti tanta raiva, não de eu ser negra, mas daqueles panacas estarem naqueles espaços, vocês não imaginam. Aí eu estou decidida a voltar a minha conta para outro banco. Então assim, isso é muito triste e é marcante, negativamente. Será que se eu, Cida, estivesse com aquela calça social preta, com uma sandália, uma blusa do uniforme da FETAEMG, e fosse de pele branca que tivesse entrado ali, eles teriam tido essa atitude? Não tinha. Eu tenho certeza que não teriam tido a mesma atitude. Isso acontece diariamente e isso é a maneira de dizer que o racismo fere, que o racismo mata e que o racismo diminui.

Clarissa: O que, dentro do modo de vida de vocês, você falando para alguém também que não conhece, não sabe nada, o que você escolheria para dizer, da coisa mais bonita, que você acha, do modo de vida de vocês?

Cida: Uma das coisas que eu acho muito bonita, que às vezes nem todos sabem, é esse cuidado com o coletivo. Essa... tipo assim, de... nos quilombos têm, às vezes, pessoas que só pensam em si, mas não é a maioria, e que isso pode ser, inclusive, até as mudanças... Vou falar das tecnologias de um modo negativo, que muita das vezes chega para ajudar e ao mesmo tempo para atrapalhar. Por exemplo, a minha filha casar com pessoas de cidade grande, chega, traz o seu jeito de viver e que, muita das vezes, os nossos povo, não vou falar jovens, que é até um pecado jogar a culpa nos jovens, vê um outro modo, que pode ser mais facilitado, mais interessante e até mais aceito pela sociedade. Aí isso meio que perde a essência. Mas o que nós temos de bonito é a preservação, inclusive da natureza. Ser guardiãs de conhecimento, pensar sempre no coletivo, conseguir, com a nossa história dolorosa, impactar outras pessoas. Isso é uma das coisas bonitas que nós temos. Principalmente ser guardiã da nossa história, saber que alguém que chegou aqui antes de nós, lutou para que nós chegasse e achasse algo bom, um jeito bom de viver. E que nós também temos essa preocupação, dos nossos netos e bisnetos, achar, ou não, esse jeito bom, esse lugar bom de viver. Então, isso é um dos nossos diferenciais. Pensar no outro é muito importante e que isso, de um modo geral, está em extinção, eu posso dizer porque até os nossos quilombolas, quando fica muito tempo fora daqui, esse pensamento muda.

Clarissa: Eu vou pedir para a Flora, se você puder contar sobre o projeto específico, como ele surgiu lá dentro da Fiocruz? Como vocês começaram a articular isso? Como você veio parar aqui? E como vocês se conheceram?

Flora: Eu entrei nesse projeto para ser é... a pós-doc do projeto para conseguir coordenar as ações. Então era um projeto, inicialmente, pensado em implementação de tecnologias sociais para baixo custo. Ou seja, a gente queria formas de aproveitar a água que existia, ou de fomentar ou de fazer brotar essa água nesse ambiente que é muito ausente de políticas públicas, principalmente voltadas à água, né, Cida!?, assim... E aí a gente fez um trabalho muito bacana, um trabalho muito dialogado para que a gente conseguisse escolher qual que era a melhor tecnologia. A gente fez um mapeamento, a gente visitou todo o Quilombo, foram vários lugares, lugares que eu nem conhecia, lindos, ali perto da das pedras, e lugares de memória também, né, Cida!? Assim... alguns você ficou até emocionada, porque... memórias de infância, de quando você ia para a beira do córrego, quando o córrego existia ali, até na mineração, procurando ali né, uma pedrinha ou outra. Enfim, e da vida árdua também, da roça, das oportunidades, e como que, mesmo com essas condições, assim, né? tão duras de infância, de ter que trabalhar e tal, você conseguiu fazer diferente com seus filhos, né, Cida!? Isso é muito importante. E aí, indo nesses territórios que são de memória também, tal, aí a gente tinha o Cleiton, que continua sendo bolsista territorial do projeto. A gente foi pensando no impacto ambiental e o que que a gente poderia fazer, e colocando todas as opções pra comunidade votar, e aí foi uma assembleia, assim, né, com bastante gente para pensar: “Mas, como é que a gente vai fazer? Vai ser no território de fulano? E se fulano...” Tinha muito essa questão de como fazer com que isso fosse coletivo, visto que o Quilombo ele não é titulado, ele é só certificado, e isso causa vários tipos de insegurança.

Clarissa: Me fala qual é a diferença entre essas duas coisas.

Flora: A certificação é feita pela Fundação Palmares, que fala: “Olha, aqui existe um Quilombo”, e que dá entrada ao processo de regularização fundiária, que é feito pelo Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). Só que virou quase um mito aspiracional a titulação, porque o Incra não tem verba para fazer, é muito difícil. São vários processos de imersão e tem que abrir como se fosse um edital para que as pessoas possam fazer essa regularização fundiária. Então, assim, em grande parte dos quilombos do Brasil, se não for 80%, quase 80%...

Cida: Mais de 80%. Tem muitos poucos quilombos titulados.

Flora: Não tem titulação assim, né? E que é algo muito violento, né, Cida!? Se você for pensar. Não ter... Porque com a titulação, você reconhece que o território é coletivo e tem o resguardo...

Cida: O resguardo, os direitos, é obrigado ser respeitado. Vamos comparar, a diferença entre certificado e título, quando você nasce, tira o registro de nascimento e depois você tem identidade, é como se fosse isso. O título é um documento incontestável. Não que a certificação não seja, mas a certificação é o primeiro, entendeu? Todos os projetos da Fiocruz: as reuniões, os trabalhos, as construções foram todas conjuntas com a comunidade. Eles nunca vieram sem primeiro dialogar, marcar com a comunidade.

Flora: E aí a gente pensou essa tecnologia, o pessoal escolheu e foi até muito bonito, que foram as jovens que falaram: “A gente quer o cercamento de nascente, porque é uma coisa a longo prazo, de ver o rio, de ver o córrego”. Bom, chama Córrego do Rocha, mas o córrego está quase sempre seco, né, Cida!? Só na época das chuvas. E aí, é, a gente bolou com a advogada, você lembra? Com a Carol? A gente veio para fazer um termo de cessão de uso coletivo para que isso ficasse resguardado em caso, depois, se a gente conseguisse a titulação, se conseguir um dia essa titulação, vai conseguir, com certeza, isso já é uma prova de que esse é um território coletivo. A gente fez esse documento, assinou no cartório, reconheceu, deixou um dos documentos. Então, a tecnologia social, ela é da comunidade. Ela não é da Fiocruz, ela não é de onde está o terreno. A tecnologia social assim, é um nome, até muito bonito e burocrático, para renomear um tipo de promoção de saúde. Porque uma coisa que eu defendo, é que a tecnologia social ela já existe nos territórios: as cacimbas, as barraginhas. A gente chega aqui e dá esses nomes bonitos. Toda tecnologia ela é social, não existe isso né? Então, a gente estava chamando no escopo de projeto de tecnologia social, porque é uma diretriz, inclusive, da agenda 2030, pensar tecnologias sociais, mas que são formas de promoção da saúde de baixo custo para comunidades em situações de vulnerabilidade. E aí foi votado esse cercamento de nascente e foi muito legal ir lá na nascente e o processo de levar os troncos, tem uma foto que até hoje eu mostro que era a mulherada levando. Você tá na foto também, né, Dulmira!? Levando lá para fazer o cercamento. Quando a gente foi só tinha um pouquinho de água, quando a gente voltou a última vez, para fazer avaliação desse projeto com o pessoal do Rio, da Fiocruz do Rio, já tinha uma água abundante. E que não é só a água, é aquilo que eu falei: a água, a memória de um território que é vivo, que é muito mais do que aquilo que é físico, biológico. É toda uma história que está ali, materializada na água correndo. Foi muito forte para mim quando a gente foi lá a última vez

e ver a água, e a Cida ali falando, pegando a água e a água limpinha, você lembra, Cida? E rememorando essas memórias e ressignificando também, um pouco assim, né? E, paralelamente, a gente, porque também vem outras demandas, né, Cida!? A gente começou a trabalhar com a saúde mental e aí foi um outro projeto, a gente não tinha aprovado ainda, a Virgínia começou, chamou Lidiane, com interlocução de Denise, para trabalhar os efeitos e os impactos da COVID longa, que eles têm chamado de COVID longa, que são, na verdade, os efeitos adversos que não são considerados após a COVID. O que a gente vê é nítido, grande parte das comunidades traz esse adoecimento mental, do sofrimento mental mesmo, processo depressivo, porque a pandemia foi muito impactante. Às vezes, a gente não consegue digerir, né, Cida!? **E quando a gente volta pra essa pretensa abertura, e os filhos vão pro mundo também, tem uma reviravolta aí.**

[Trilha sonora]

Samba com violão de sete cordas, cavaco e guitarra, surdo, triângulo e ganzá. Tocada leve e envolvente se introduz pela melodia instrumental.

É hora, agora, já foi

É hora, agora, já foi

Vem, vamos brincar de amanhecer, e o amanhã vai se estabelecer

É hora, agora, já foi

É hora, agora, já foi

BLOCO 2 - VIDA, RESISTÊNCIA E ESPERANÇA DIANTE DO ANTROPOCENO E DA NECROPOLÍTICA

Clarissa: A história que Cida nos conta, a partir de seu território, é uma história de séculos de resistência: desde a constituição das comunidades com a fuga das fazendas de café, cana e da mineração, que escravizavam pessoas em seus processos produtivos, até os desafios contemporâneos para a própria sobrevivência da comunidade. Há, no território, uma dinâmica necropolítica que envolve complexos jogos políticos entre o Estado em suas diversas esferas, por exemplo, o município de Chapada do Norte, o Estado de MG, e o Governo Federal do Brasil. Esses jogos políticos também envolvem autarquias, como o sistema judiciário, o Incra, que é o instituto que regulamenta as

titulações de terra, o Sistema Universal de Saúde - SUS, passando também pela própria Fiocruz e pelas universidades que desenvolvem pesquisas na região.

Irene: Mas a história de Cida e dessas várias mulheres que conhecemos fala da resistência contra o esvaziamento humano e vital desse território. As pessoas sofrem com desvios de água dos córregos que abastecem as comunidades para fazer represas e irrigar plantações em latifúndios nos arredores. Elas também são importunadas por empresas canadenses e brasileiras para a venda dos territórios, que visam a mineração de lítio, e há pressão - inclusive terrorista, com intimidação por tiros disparados com armas de fogo nos arredores - para forçar a desocupação do território. Há uma imensa falta de apoio do poder público para prevenir esses territórios de serem abordados por essas empresas, que oferecem emprego e uma suposta “melhoria de vida” para as pessoas. Muitas acabam cedendo, outras desistem e migram para as cidades. O cenário de gravação do nosso episódio no Córrego do Rocha é de um quilombo abandonado, com poucas pessoas jovens vivendo ali, e a vida se esvaindo aos poucos junto à seca que se amplifica com as mudanças climáticas e o antropoceno.

Clarissa: A gente pediu para Flora e Cida contarem essa história a partir de seus encontros e desafios. Com Flora, conhecemos a importância de (alguma) presença do Estado no território. A Fiocruz viabiliza a ida de Flora, e de sua equipe, pro quilombo, oferecendo apoio e serviços de saúde básicos à população. Flora e sua equipe também oferecem oficinas para o fortalecimento da saúde mental, da autoestima das mulheres da comunidade, da luta feminista das lideranças comunitárias e de suas batalhas pela manutenção da vida da comunidade. Isso, em um cenário em que a política vigente é a de “deixar morrer”. Ouve só esse caso contado pela Cida.

Cida: Na época da pandemia. Eu, enquanto líder no município, estava mobilizando a comunidade para não sair de casa, trazendo alguns apoios imediatos tipo: cesta básica, máscara, fiz parceria com várias instituições regionais, cesta básica, máscara, álcool (tinha mais uma coisa que a gente conseguiu também que eu não estou lembrando o momento), e doar para as famílias através do sindicato, que além da nossa comunidade, várias outras comunidades do município ainda tava nessa luta com falta d'água. Eu cheguei a comprar água mineral e, por pouco, eu não esquentei a água mineral para minha família tomar banho, porque era a única que tinha. Aí quando eu já estava para esquentar essa água, o carro acabou chegando e porque, e 3 dias antes ele tinha chegado, como não tinha estrada adequada, o caminhão teve que derramar toda aquela água no córrego e com menos

de 500m, uma família sem água para beber. Eu chorei. Eu sentei na poeira. Eu chorei tanto. Eu me senti um lixo naquele momento, porque sempre quando eu mandava para a Secretaria de Agricultura a lista das famílias que tava, naquele momento, precisando de água, eu organizava aquela lista: primeiro as famílias que tinham criança, depois as famílias que tinham idoso e por último a minha. Porque um bom líder, primeiro ele defende a luta do povo! Porque eu, até hoje, eu sou assim, eu só me sinto satisfeita alimentando se eu não souber que tem uma família passando fome, principalmente no meu Quilombo, e foi isso.

Flora: Acho que tinha, passado um ou dois dias, a Cida tinha mandado esse vídeo do caminhão que não conseguia subir e largou, deixou, toda água potável no córrego, muito triste.

Cida: Eu chorei lágrimas compridas. Sinceramente, eu queria morrer naquele momento. Mesma coisa de você chegar vou comparar à isso, você chegar na sala, morrendo de fome, e comida sendo jogada fora na cozinha. É triste! Eu não tinha coragem de olhar no rosto do meu esposo naquele momento. Foi uma impotência, que assim...

Flora: A água a poucos metros de chegar, muito perto. São condições que o pessoal vai cansando né, de vivenciar, e aí vai para colheita e fala: “Não vou voltar! Tô aqui, né?”. Era muito bom também, porque a gente teve a Sueli, que foi a ACS (Agente Comunitária de Saúde), isso é muito legal que ela era daqui, da comunidade.

Cida: A primeira vez na nossa história...

Flora: A primeira vez. Aí eu estava sentindo: “Agora vai fortalecer e tal”, e no fim do ano deu uma debandada, e aí eu vejo que também tem esse adoecimento mental de continuar. E as mulheres daqui, elas são grandes mestras quitandeiras, cozinham maravilhosamente bem, né, Cida!? Nossa, é um negócio absurdo, vocês viram, né, a quitanda!? E tem uma potência muito forte de saberes e de fazeres.

Cida: Tudo coisas que são experiências, saberes, que são passadas de mães para filhas e assim por diante.

Irene: São muitos os obstáculos de permanência no quilombo diante da dificuldade de acesso à água e aos serviços básicos de cidadania. Cida e Flora contaram várias situações em que as comunidades tiveram que negociar com o poder público para assegurar o mínimo de seus direitos.

Cida: Pra ser sincera, a fragilidade da resistência de permanência no quilombo de Córrego do Rocha foi justamente a falta de acesso às políticas públicas básicas. A falta de água, a falta do direito livre, de ir e vir, pessoas, assim, que teve momentos de quase morrerem na estrada e buscar socorro na área da saúde por não ter uma estrada, né? O PSF (Programa de Saúde da Família) distante. Nós travamos várias lutas. Mas o que que foi cada vez mais faltando foi as famílias, porque assim, as dificuldades são tantas que as famílias muitas das vezes perdem a força para estar resistindo ali e vai buscar em outros caminhos. Infelizmente, não é só o Quilombo Córrego do Rocha que chegou nesse estágio, não. Nós temos comunidades, no prazo de 2 e 3 anos, tinha 30/40 famílias, e hoje tem 2 famílias e 2 famílias que precisam sair de lá para não morrerem abandonadas.

Clarissa: Cida reflete sobre sua trajetória como liderança quilombola. Ela denuncia a perfuração de um poço artesiano em contexto eleitoral, resultado de acordos políticos que marginalizaram a coletividade. Essa situação impulsionou sua luta pelo acesso à água. Seu sofrimento é atravessado pelo cansaço, mas também por uma profunda transformação pessoal diante das complexas dinâmicas que marcam seu quilombo.

Cida: Às vezes, eu não me sinto merecedora de ser cuidada, às vezes, eu penso com o fim da minha vida, porque eu não aguento mais lutar, eu não aguento mais tanto sofrimento, eu não aguento mais tanta violência. E não é a violência de ver a pessoa ser morta e indo pro caixão, não. É as expectativas morrendo. É as pessoas está lá fora e falar que aqui não tem jeito mais. Eu posso falar mal do Quilombo porque eu sou daqui. Eu posso falar mal do município porque eu sou daqui. Mas quando os de fora falam mal, comprou briga comigo. Se eu estiver lá em Turmalina e eu souber que a jovem Merivalda, mãe de 2 crianças, teve uma dificuldade aqui, eu não durmo. Eu perco a fome, eu sofro, eu quero resolver, você está entendendo? E isso não é algo que eu decidi. Eu melhorei psicologicamente depois que eu desenvolvi o dom que Deus me deu.

Clarissa: Que dom que é?

Cida: Da solidariedade, o dom humano. [Silêncio] O significado da palavra Ubuntu para nós e viver, vivenciar, levar para a prática a palavra Ubuntu dói... quando a gente não consegue. Hoje, quando eu tenho a notícia da chegada de uma criança, infelizmente, eu não consigo ter tanta alegria. Entendeu? E eu vou trazer um exemplo. O rio Capivari já secou. O rio Araçuaí tá morrendo. O rio Jequitinhonha já tem previsão, expectativa de até quando ele vai conseguir correr. Então, tem muita coisa que a gente pode apresentar de bom no Vale do Jequitinhonha para os que vierem. Mas que vida que consegue existir sem água? Você tá entendendo? O que é que nós vamos oferecer? O que é que a gente vai... Porque, assim, chega de sofrimento. Se hoje eu fosse uma mãe que pudesse gerar filho, eu não ia querer gerar um filho. Hoje, né? Eu não ia querer que um quilombola do Córrego do Rocha nascesse em Turmalina, igual hoje o meu caçula de 18 anos prefere pagar aluguel em Turmalina do que morar aqui no quilombo ou morar em Chapada, porque não tem expectativa de geração de renda. Ele não tem a mesma resistência de tirar o sustento morando aqui **e tem uma casa. Que quando eu casei com o pai dele, eu não tinha onde morar. Entendeu? É isso.**

[Trilha sonora]

Samba com violão de sete cordas, cavaco e guitarra, surdo, triângulo e ganzá. Tocada leve e envolvente se introduz pela melodia instrumental. A voz feminina canta:

Eu quero cantar pra saudar o vento

Que é como o amar de cada momento

A paixão e a paz e eu já não me aguento

É querer demais que eu tenho aqui dentro

E eu tenho

Pra quê?

FECHAMENTO

Clarissa: Cida e Flora são duas mulheres negras que se encontram na amizade, no desejo político por justiça e pela vida, e que também se diferenciam no tipo específico de racismo que é colocado para uma mulher quilombola como Cida. Com a escrita em texto e em voz do Mundaréu nos aliamos ao desejo de que essa história seja conhecida, amplificada, que as lutas pela resistência da comunidade

por uma existência fora das cidades, e fora das perversidades e necropolíticas do capitalismo, seja possível.

Irene: Enquanto agência possível - e ferramenta necessária -, o Mundaréu transmite e irradia a potência das mulheres quilombolas na defesa, fabricação e re-atualização de seus territórios. Para que essas vidas sejam valorizadas, ainda que o cenário de mudanças climáticas e intensificação do capitalismo neoliberal e neoextrativista siga empurrando essas comunidades para o subemprego precarizado, e para a morte. Desejamos que nosso trabalho contribua para fazer ouvir esse grito pela vida e pela sua continuidade, com dignidade, nesse território. No podcast, cabem os sotaques e as múltiplas vozes, também o choro, o lamento, e a alegria de resistência e da amizade. Enfim, uma polifonia criativa das alianças feministas que constituímos com desejo, esperança e ternura.

Clarissa: Esse foi o episódio "Territorialidade e a resistência de mulheres quilombolas no Vale do Jequitinhonha (MG)". Agradecemos muito pela sua audição. Mais informações sobre as participantes do episódio, fotos da comunidade e do Quilombo Córrego do Rocha você encontra na nossa página: mundareu.labjor.unicamp.br. A gente agradece a equipe do Mundaréu na produção desse episódio, e a parceria com a equipe da Fiocruz para a visita ao Vale do Jequitinhonha.

Irene: A música dessa temporada é "Já foi", da cantora Janine Mathias. Agradecemos o apoio da FAPESP, da Unicamp, e do CNPq, e também da Fiocruz. Este foi o primeiro episódio da sexta temporada do Mundaréu. Voltamos no mês que vem com mais uma história de luta e resistência das pesquisadoras e ativistas brasileiras. Até lá.

[Trilha sonora]

Samba com violão de sete cordas, cavaco e guitarra, surdo, triângulo e ganzá. Tocada leve e envolvente se introduz pela melodia instrumental. A voz feminina canta:

É hora, é hora, agora já foi, laialaia, já foi

Vamos brincar, já foi

Laialaia, já foi. Vamos brincar

Já foi